



*Lourdes Ramalho
construía seu percurso
à imagem e semelhança
do de sua mãe,
estabelecendo o vínculo
entre duas gerações
comprometidas com
projetos educacionais
progressistas e a
tradições sertanejas*

teatro infantil

A professora

E O JOGO DE SONHOS

Valéria Andrade

Especial para o *Correio das Artes*

Movendo-se por entre os sertões da Paraíba e do Rio Grande do Norte, uma mulher apaixonada por teatro e literatura – nascida em 1901, como que anunciando novos tempos –, a professora Ana de Medeiros Brito dedicava-se à família, sem deixar de se ocupar, ativamente, com a vida na comunidade. Na área da saúde, fundou, na cidade de Santa Luzia (PB), o Hospital Maternidade Sinhá Carneiro, o maior do sertão naqueles inícios do século 20, que administrou com seu proverbial espírito humanitário, nunca hesitando em prestar assistência às parturientes nas dependências de sua casa, a exemplo do que costumava fazer quando residia em Ouro Branco (RN).

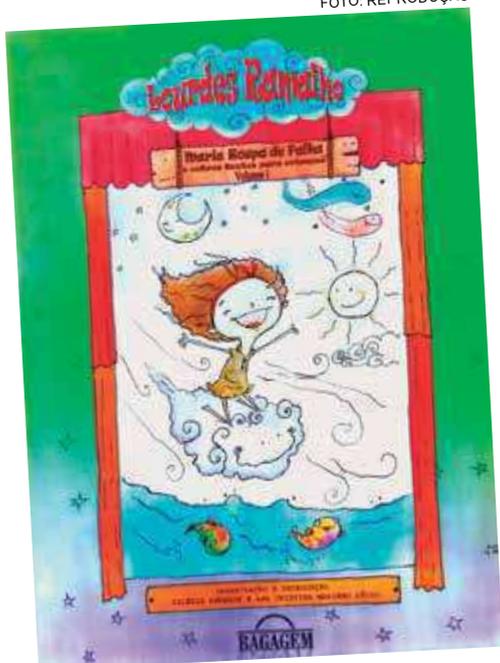
Como educadora, além do exercício devotado à própria prole, Ana de Medeiros empreendeu esforços para oferecer à comunidade o melhor da educação formal disponível no sertão do seu tempo: abriu e fez funcionar quatro estabelecimentos de ensino, neles criando espaços para a promoção de atividades artístico-culturais, à frente de todos eles o do palco. Respirando teatro por todos os lados, outros talentos da cena teriam espaço para vir à tona no seio daquela família de artistas e educadores, a exemplo do que ocorreu, bem cedo, com uma das filhas de Ana de Medeiros.

Desde os 10 anos de idade, “brincar de teatro” era a diversão favorita da menina nascida em 23 de agosto de 1920, a quem chamavam Lourdinha, de seu nome Maria de Lourdes Nunes Figueiredo. Incentivada pelos tios, tias e, sobretudo, pela mãe, a pequena aprendiz de dramaturga colocava no papel as falas e as ações de personagens que reinventava e, em seguida, comandava os “ensaios” para as apresentações, de que também participava. Lourdes construiria seu percurso – de educadora, dramaturga e encenadora – à imagem e semelhança do de sua mãe, estabelecendo claramente o vínculo entre duas gerações de mulheres artistas, comprometidas, de um lado, com projetos educacionais progressistas e, de outro, com a preservação dinâmica das tradições da comunidade sertaneja a que pertenciam.

O processo de escrita e reescrita dos seus textos seria, portanto, mediado pela prática cotidiana da professora, já desde o tempo em que, ainda adolescente, começou sua carreira no magistério como auxiliar de classe, num dos colégios de sua mãe. Não por acaso, um dos seus vários textos para o público infantil, *Anjos de Caramelada*, é protagonizado, emblematicamente, por uma professora apaixonada por teatro, sempre atenta às brechas abertas no calendário escolar para sensibilizar crianças e adolescentes para a magia desta arte.

A ação decorre num Dia das Crianças, em que, devido a um mal-entendido com o diretor ranzinza da escola, a professora ▶

FOTO: REPRODUÇÃO



Texto de *'Maria Roupas de Palha'*, editado pela *Bagagem*: peça revela talento da autora para o *'patchwork'* e para uma reflexão aguda sobre as dinâmicas relacionais e de gênero na nossa sociedade

acaba trancada numa das salas de aula, com três crianças, impedida de apresentar a pecinha montada para a ocasião. Enquanto aguarda a chegada de alguém para libertá-los, ela põe-se a contar aos alunos uma história sobre os preparativos, no Céu, para a festa de aniversário de Jesus.

O jogo metateatral se desdobra triplamente no texto e, do primeiro para o segundo quadro, a narrativa da professora vira ação dramática, ambientada na cozinha celeste, onde uma Nossa Senhora, com ares de feiticeira irreverente, à frente de um caldeirão enorme, não hesita em usar seus poderes sobrenaturais para conseguir a ajuda de um São Pedro rabugento e mandrião.

A certa altura, das fôrmas enferrujadas onde a Santa Mãe despeja uma mistura para caramelos de leite, surgem magicamente três anjinhos, de *caramelada*, que se põem a falar e, com a licença da doceira celeste, vasculham o céu atrás de sucata para montar uma cena musicada preparada para a comemoração do natal do Menino Deus.

A primeira experiência propriamente dita de Lourdes Ramalho como autora de teatro seria em meados da década de 1930. O texto, levado à cena durante a festa de encerramento do ano letivo do Colégio Santa Margarida, em Recife (PE), em que Lourdes estudava, era um manifesto contra o

educandário, e sua apresentação, para uma plateia repleta de pais e mestres, resultou num embate acirrado e no 'convite' feito à aluna-escritora para que deixasse de frequentar a escola.

Nos anos seguintes, já no período imediato ao pós-Segunda Guerra Mundial, sua atividade como autora de teatro começa a se consolidar, mas ainda sem a preocupação de guardar os originais, muitos deles perdidos após as apresentações. No final da década de 1950, Lourdes fixa residência em Campina Grande (PB), onde as atividades de empreendimento cultural desenvolvidas desde a infância e adolescência, sobretudo na área do teatro, ganham organicidade com a criação de grupos cênicos formalmente estruturados e a montagem de espetáculos, muitos deles baseados em textos de sua autoria. Restritos, a princípio, às escolas onde a professora Lourdes ensinava e à casa da mãe-autora, estes grupos organizavam-se como grêmios artísticos estudantis, no formato dos que Ana Brito, sua mãe, criara e dirigira no passado.

Na segunda metade da década de 1960, assumindo a presidência da Sociedade Brasileira de Educação através da Arte - SobreArt, Lourdes Ramalho intensifica sua atuação junto a outros grupos de teatro da cidade, como o da própria SobreArt e o da Escola Normal de Campina Grande, e seu

nome começa a ganhar projeção pública com a encenação de textos de sua autoria, como *O Príncipe Valente* e *Ingrato é o Céu*, de cujos elencos seus filhos também participavam.

De 1975 em diante, após a primeira montagem teatral de *As Velhas*, certamente seu texto mais conhecido, consolidou as atividades do seu Centro Cultural Paschoal Carlos Magno, e publicou algumas de suas peças, as quais começaram a ser encenadas fora de Campina Grande, onde residiu até 7 de Setembro passado, quando se encantou e seguiu no rumo dos Sete Estrelas, "a levar viola e canto / pro outro lado do mar"...

Misturando verso e prosa, *Anjos de Caramelada*, referido acima, é igualmente emblemático. Dividido em dois quadros, realiza, como que em miniatura, o movimento interno – da passagem da prosa ao verso – comum à dramaturgia de Lourdes Ramalho. O formato em prosa do Quadro I vai se deixando contagiar, pouco a pouco, pela musicalidade da frase rimada e metrificada, até transformar-se inteiramente em verso, presente tanto nas falas das personagens desde a segunda cena do Quadro II, como nas cantigas e folguedos infantis tradicionais que compõem a cena final apresentada pelos anjinhos encantados. Esta dinâmica corresponde, claramente, aos dois ciclos da dramaturgia de Lourdes Ramalho: um desenvolvido nas décadas de 1970 e 1980, com a proposta de inventariar, de uma perspectiva crítica, a cultura do Nordeste brasileiro; outro, de 1990 em diante, voltado para o reconhecimento e a ressignificação das raízes ibero-judaicas do universo popular nordestino. Encravado neste ir e vir, encontramos, então, um terceiro conjunto de textos, os escritos para o público infantil. Não será por acaso que a maioria dos seus textos para crianças inclui uma quantidade enorme de brincadeiras cantadas da tradição oral brasileira.

Novas Aventuras de João Grilo, *Malasartes Buenas Artes*, *Dom Ratinho* e *Dom Gatão*, *Folguedos Natalinos*, *O Diabo Religioso*, *Maria Roupas de Palha*, o já citado *Anjos de Caramelada*, ao lado de vários outros



'Maria Roupas de Palha' no palco: feminino e masculino surgem, tal como nos textos para adultos, distanciados dos padrões

▶ textos, compõem um mundo de fantasia inventado por Lourdes Ramalho. Revisitando personagens, fábulas e procedimentos estéticos da literatura popular em verso e de contos de fadas, além de provérbios e danças dramáticas, a autora mistura versos e ritmos, criando um clima de magia, brincadeira e festa, próprio da cultura popular e, igualmente, do teatro infantil. Príncipes, princesas, fadas, bruxas, irrupções várias do maravilhoso povoam este mundo de encantamento, a que se juntam ainda elementos do teatro popular de rua, do circo, das histórias de folheto de cordel.

Espécie de marca d'água de toda a produção dramatúrgica de Lourdes Ramalho, a crítica social também comparece no seu repertório para crianças de forma bem acentuada, embora não seja esta a finalidade do texto. Seu suporte está, sobretudo, na brincadeira e, ainda, na utilização do humor, na recorrência a temas e personagens que povoam o imaginário popular e na musicalidade do verso de sete sílabas. Como também está na própria música, par constante dos versos que contaminam a prosa, tudo bem misturado no caldeirão de 'Nossa-Senhora-Dona-Lourdes'.

Exemplo disso se encontra nas *Novas Aventuras de João Grilo*. Na batalha que trava contra os monstros Poluição, Corrupção e Inflação, a única arma que sobra ao herói popular é a viola – ou os cacos dela. É com ela que João Grilo, “fraco, covarde, tolo, comilão, mole e medroso”, se transforma num valente “Cavaleiro Andante” e sai mundo afora em busca de paz e bonança. Os artistas deviam levar a vida a cantar e fazer versos, suas armas para salvar o mundo: desejo da dramaturga,

aprendizado para crianças-leitoras-brincantes de todas as idades.

É pertinente ressaltar ainda, nesta produção para crianças, o olhar crítico de quem, mesmo visceralmente ligada à tradição, a vivida ou a simbólica, nela não se cristaliza e, em seu ofício de poëtes, a reinventa com fragmentos do velho agregando-lhe o novo suscitado pelas dinâmicas do seu tempo e da sua cultura. *Maria Roupas de Palha*, por exemplo, revela bem este talento da autora para o patchwork e para uma reflexão aguda sobre as dinâmicas relacionais e de gênero na nossa sociedade. Neste mesmo texto, feminino e masculino surgem, tal como nos seus textos para adultos, distanciados dos padrões – e a imagem de mulher, dedicada aos afazeres domésticos, recompensada com o casamento, ganha outras nuances.

Do sucesso nas viagens de Maria depende o príncipe para se tornar rei; só ela poderia coroá-lo. Com a ajuda mágica de estrelas e asteroides, Maria – que traz no sobrenome, Lagamar, a junção de águas doces e salgadas –, vence todos os obstáculos e consegue chegar ao reino do Ti-Rim-Tim-Tim. Ali ela se apresenta à realeza usando seu simples vestido de palha – e, os presentes que ganhou, alguns sem qualquer valor material (uma coroa de algas, um colar de mariscos), não são usados para torná-la atraente para o futuro marido. Este, por seu lado, além de estar condicionado ao bom desempenho de Maria para

alcançar sua própria ascensão, prioriza a essência e não a aparência da futura rainha. Ignorando a pobreza do traje usado pela noiva ao final de sua aventura, o príncipe demonstra antes alegria e orgulho ao vê-la chegar vitoriosa em seu reino: “Maria! Afinal chegaste no raio de sol dourado!”

Igualmente em *Anjos de Caramelada* aparece, com todas as letras, o projeto ramalhiano de romper com os velhos modelos de organização social fundados na desigualdade entre as pessoas. Os dois quadros que estruturam o texto, não apenas propõem a brincadeira de inserir uma ação dramática na outra e, como num jogo de espelhos que multiplicam as imagens, brincam entre si como um sendo o avesso do outro. A professora, que, no Quadro I é humilhada e coagida, até fisicamente, pelo diretor da escola onde ensina – terminando trancada com seus alunos, proibida de apresentar a pecinha de teatro que ensaiara para comemorar o Dia das Crianças –, no Quadro II faz o papel de chefe da cozinha do Céu, ninguém menos que a mãe do Menino Jesus, tendo sob suas ordens o porteiro do lugar, um São Pedro preguiçoso e tão ranzinza quanto seu duplo no primeiro quadro, o diretor autoritário. Invertidas as posições ocupadas pelas personagens femininas e masculinas, reverte-se também o contexto de cerceamento da fantasia apresentado no Quadro I.

As crianças, impedidas da experiência lúdica do teatro no espaço da escola, são levadas, pela doceira celeste, a um outro espaço, feito de liberdade e fantasia, onde têm permissão e incentivo, seja para reinventar brincadeiras e personagens, seja para produzir o material para fazê-las viver, reutilizando velharias, trocando o velho pelo novo, tal como Dona Lourdes Ramalho fez desde sempre – reinventando a vida, no palco e fora dele. ✦

Valéria Andrade é professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária na Universidade Federal de Campina Grande. Pesquisa e escreve sobre a autoria de mulheres nas dramaturgias brasileira e portuguesa. Vive na Paraíba há mais tempo do que em Minas Gerais, onde nasceu. Mora em Campina Grande-PB desde 2014.